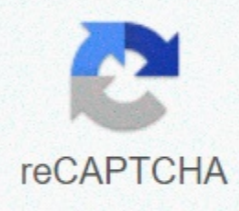




I'm not robot



Continue

## Multiculturalismo diferenças culturais e práticas pedagógicas pdf

O multiculturalismo na educação implica a natureza da resposta dada a toda a diversidade expressa em ambientes e arranjos educacionais, ou seja, em teorias, práticas e políticas. Esse é o tema deste acervo, que aborda temas cansados no cenário educacional brasileiro atual. Trata-se de socializar as discussões, estudos e princípios norteadores dos procedimentos pedagógicos em que questões relacionadas à identidade, raça, gênero, sexualidade, religião, cultura juvenil e conhecimento circulante na escola constituem os slogans. Academia.edu cookies para personalizar conteúdo, adaptar anúncios e melhorar a experiência do usuário. Ao usar nosso site, você aceita nossa coleção de informações através do uso de cookies. Para mais informações, consulte nossa Política de Privacidade.× Este trabalho foi organizado por Antônio Flávio Barbosa Moreira (Universidade Católica de Petrópolis) e Vera Maria Candau (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), que já possuem outros trabalhos que tratam de questões curriculares, a cultura e a formação de professores, e consiste em oito capítulos escritos por pesquisadores da educação que abordam discussões sobre a prática pedagógica sobre temas multiculturais presentes na prática pedagógica escolar. Os autores apresentam ao longo dos capítulos a socialização dos estudos, orientando princípios e procedimentos pedagógicos com o objetivo de analisar questões sobre o multiculturalismo presentes no contexto escolar. Este livro foi organizado com o objetivo de entender como ocorrem as relações étnico-raciais, gênero, sexualidade, religião, cultura juvenil e conhecimento, na prática pedagógica, sob a perspectiva do gestor, professores e alunos de escolas públicas, proporcionando como importante contribuição, a expansão e o aprofundamento desse debate sobre bases teóricas. Em outras palavras, a proposta do livro é discutir aspectos teóricos e práticos do multiculturalismo que possam fornecer fundamentos mais críticos para a formação docente. Para alcançar o objetivo proposto, o trabalho é organizado da seguinte forma: capítulo um: Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica; capítulo dois: Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica; capítulo três, a questão racial na escola: desafios colocados pela aplicação da Lei 10.639/03; capítulo quatro: Gênero em sala de aula: o tema do desempenho escolar; capítulo cinco: Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e teoria estranha; capítulo seis: Ogan, adósu òjê, ègbónmi e ekedi – Candomblé também está na escola. Mas como? Capítulo Sete, Identidades culturais e juvenis e escolares: áreas de conflito e possibilidades; capítulo oito: Conhecimento escolar, cultura e poder: desafios para o campo de pós-tempo, pós-tempo. Os autores em geral baseiam-se em estudos sobre diferentes questões relacionadas à identidade, raça, gênero, sexualidade, religião, cultura juvenil e conhecimento, que se configuram em representações hegemônicas em nossa sociedade contemporânea, diversos preconceitos e atos discriminatórios presentes nas falas e práticas pedagógicas em sala de aula, revelando uma tendência padronizada e homogeneizada da escola (p.16). Identificou ainda que, a partir do acompanhamento de assuntos que não se conformam com esse padrão monocultural, problemas de aprendizagem devido a problemas negativos, medo e vergonha de se expressar, problemas de socialização com pares, na relação professor/aluno, percebendo assim a escola como um espaço de culturas cruzadas, fluidas e complexas, atravessadas por tensões e conflitos (p. 15). No capítulo um: Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica, Vera Maria Candau analisa a ausência da cultura popular nos currículos escolares e a ênfase de uma cultura acadêmica associada a uma determinada classe social. Destaca inúmeros estudos com diferentes abordagens que elucidam o caráter padronizado da escola. Em seguida, resgata a formação histórica do Brasil marcada pela eliminação física do outro ou por sua escravidão, que também é uma forma violenta de negação do outro (p.17). O autor também ressalta que a inserção do tema Pluralidade Cultural nos Parâmetros Curriculares Nacionais representou uma conquista não pacífica dos movimentos sociais. Após essa contextualização, o autor apresentou três abordagens ao multiculturalismo: monolacionária, diferencial ou plural e multiculturalismo interativo, defesa do interculturalismo, perspectiva que implica a aceitação da inter-relação entre diferentes grupos culturais; sua renovação permanente pelo processo de hibridização das culturas e a ligação entre questões de diferença e desigualdade. Por fim, assume que a diferença é a base dos processos educativos, e sugere possibilidades pedagógicas para o desenvolvimento de uma educação intercultural na escola. Capítulo dois: Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica, Antonio Flávio Moreira e Michelle Januário Câmara apresentam o foco da questão da identidade como objeto de estudo da teoria social, educação e política, argumentando a partir de estudos culturais, que a identidade é um processo de criação de sentido por grupos e indivíduos e está diretamente associado à diferença: o que estamos definidos em relação ao qual não somos (p.43). E para o professor, cabe ao entendimento de que as diferenças são construídas socialmente, e subjacentes, se relações de poder. Nesse aspecto, os autores apresentam possíveis formas de lidar com essas questões no cotidiano da escola, dando origem à sala de aula, a discussão sobre as diferentes concepções de identidade e diferença diante das constantes mudanças na economia, política, cultura e relações com a prática do cotidiano. Por fim, os autores propõem algumas alternativas para trabalhar em sala de aula que possam contribuir para a (re)construção das opiniões de raça, gênero e sexualidade dos alunos, mostrando a possibilidade de engajá-los nessas discussões com a intenção de desafiar representações hegemônicas. No capítulo três: A questão racial na escola: desafios colocados pela aplicação da Lei 10.639/03, Nila Lino Gomes fala sobre a aplicação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história africana e da cultura afrobrasalista nos currículos do ensino fundamental. Medida de ação afirmativa que elimina essas discussões no campo da transversalidade, beirando a desassociação e inserindo-a como obrigação legal. Essa lei apresenta como objetivo central a correção das desigualdades, a construção de igualdade de oportunidades para grupos sociais e étnico-raciais, tendo em vista que o racismo e a desinformação sobre a ascendência africana no Brasil constituem obstáculos à formação de uma consciência coletiva, ao eixo da ação política, a uma sociedade mais justa e igualitária. A autora, a partir de uma visão crítica desta proposta, destaca os aspectos positivos da nova legislação, porém, também alerta para a atenção necessária em sua implementação considerando que, como todas as propostas de construção política, a ação afirmativa deve ser acompanhada, avaliada e aprimorada No quarto capítulo, Gênero em sala de aula: o tema do desempenho escolar, Marília Pinto de Carvalho, analisa a relação entre gênero e educação, a partir da percepção utilizada pelos professores do ensino fundamental para avaliar o desempenho Na primeira parte, a autora define que gênero não é sinônimo de mulheres, sejam professores ou estudantes, mas inclui homens, mulheres e também símbolos ligados à feminilidade e masculinidade (p.90). Na segunda parte, o autor apresenta diversos dados sobre a prevalência da escolaridade feminina no âmbito da escola masculina e aponta a pobreza e o mercado de trabalho como causa da evasão escolar masculina. Enquanto a permanência do gênero feminino na escola está associada a uma percepção positiva da escola como espaço de socialização, liberdade e realização pessoal antes de seu confinamento em casa (p.98). O autor ressalta que a falta de critérios claros de avaliação na escola faz com que os professores usem A partir dos valores dos métodos subjetivos, marcados por preconceitos de gênero, evidentes nos diferentes exemplos apontados pelo autor, quando para o professor, o bom aluno é o que é descrito como humorístico, engraçado, curioso, danado fora da sala de aula, e as meninas são notadas como boas alunas por estarem em silêncio e não se questionarem. Por fim, este texto aborda que é impossível enfrentar hoje os problemas centrais da educação brasileira sem uma adequada apropriação do conceito de gênero. No capítulo cinco: Sexualidades em sala de aula: discurso, teoria do desejo e do desejo, Luiz Paulo Moita Lopes, abordando o tema da sexualidade, analisa a ausência de debates sobre esse tema na escola, destacando que para a escola, os corpos entram na sala de aula sem desejos, dessexualizados e lugares que nos treinaram na educação, para ignorar o corpo e seus prazeres. No entanto, no dia-a-dia do aluno através da mídia, a atratividade sexual em campanhas publicitárias é fortemente disseminada para a venda de produtos. O autor comenta sobre a astraditionalização da vida social, notada pelos sociólogos, onde as questões da vida privada são discutidas com veemência no centro da vida pública. Embora os professores, como efeito de sua educação, evitem levantar questões sobre sexualidade e homossexualidade, estudantes, travestis, gays ou lésbicas, como resultado das práticas sociais em que vivem, trazem para a sala de aula essas discussões através da música, conversas paralelas, recreação, vocabulário. No entanto, nem todos os professores se sentem à vontade para falar sobre o assunto além de muitos insistirem que é uma questão de vida privada, muitos outros temem ter seus desejos sexuais revelados para serem classificados em relação à sua escolha sexual O autor, portanto, em seu texto, nos oferece a possibilidade de entender sexualidades além das políticas de diferença e propõe que a escola seja um lugar para recriar e politizar vida social. , para entender a necessidade de não separar a cognição e o corpo.

No capítulo seis: Ogan, adósu, òjê, ègbónmi e ekedi – Candomblé também está na escola. Mas como?, Stela Guedes Caputo, explorando o tema das crianças que frequentam o candomblé, dedica esse texto aos professores que enfrentam diversas dificuldades para lidar com essa questão no ambiente escolar. Através dos acompanhamentos de alguns desses alunos, o autor identificou exemplos de jovens que, no pátio, expressam orgulho de sua cultura, do sentimento de pertencimento ao candomblé e seu ritual, e a situação muda quando chegam à escola. Como alguns deles são discriminados por professores e colegas, isso é confirmado por entrevistas e observações feitas pelo autor, como um quatro anos de idade sendo chamado de filho do diabo pelo professor, ou para escapar do preconceito, outro aluno afirma ser da religião católica. O autor ilustra que na entrevista com os professores quando perguntados se eles estavam cientes dos alunos do Candomblé na escola, eles responderam: Não temos crianças com esses problemas. Se eu tivesse, eu gostaria de tirar essa ideia de macumba da cabeça de qualquer aluno. O autor conclui que as crianças do Candomblé frequentam escolas como qualquer outra criança, mas não são vistas, não existem e quando existem são vistas como um problema a ser resolvido. Stella Caputo alerta para o silêncio a que esses alunos são submetidos, com consequências devastadoras para sua autoestima. Capítulo sete: Identidades culturais da juventude e da escola: áreas de conflito e possibilidades, Paulo Carrano, ao analisar a situação de incomunicamento entre a instituição escolar e seus temas escolares e a relativização da instituição como espaço de formação, analisa a importância das culturas juvenis, destacando seu potencial criativo na reformulação das escolas e currículos. O autor afirma que a baixa sinergia entre professores e alunos reside na ignorância da instituição escolar e dos professores sobre os espaços culturais e simbólicos em que os jovens estão imersos. O autor destaca a expansão da escolaridade para os jovens, mas também apresenta o déficit de investimentos na formação de agentes escolares, estrutura física e tecnológica das escolas e universidades e, muitas vezes, os currículos escolares estão desconectados da realidade dos jovens. Em tópicos posteriores, o autor analisa os elementos essenciais na formação da identidade pessoal e coletiva dos jovens e na construção do universo cultural e simbólico. Destaca a ausência de debate sobre a mídia de massa, a mídia alternativa e o ambiente escolar dos bens da juventude e propõe à escola, como instituição de formação, promover hábitos, valores críticos e participativos, atuar com o objetivo de construir uma unidade social em uma sociedade marcada por diferenças e desigualdades, trabalhando com as experiências anteriores dos jovens estudantes e reformulando currículos para que espaços e tempos sejam reorganizados , além de ampliar a experiência social pública e o direito de todos às riquezas simbólicas e materiais da sociedade, especialmente para as classes populares onde a escola é o único espaço para facilitar o acesso a esses bens. Capítulo oito: Conhecimento escolar, cultura e poder: desafios para o campo do currículo pós-tempo, Carmen Teresa Gabriel, aborda a importância de discutir o conhecimento escolar, a partir da análise do termo cultura promovida e enraizada espaços escolares e documentos e os conceitos de Stuart Hall (1997), que analisa a centralidade substantiva e o peso epistemológico da cultura, incluindo aspectos de natureza social e cotidiana. O autor também argumenta que o processo de hibridização dos discursos sobre conhecimento, cultura, poder e currículo favorece questões críticas pós-modernas e postagem estruturalista e aponta para discussões sobre identidade e diferença de perspectivas: relativistas e construtores, aprimorando os aspectos políticos e epistemológicos da interface do conhecimento e da cultura, sem abrir mão da crença na escola pública como um importante espaço político. Concordamos com o trabalho de que há uma relação intrínseca entre educação e cultura porque não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade. E o que parece consensual é a necessidade de repensar a educação escolar para que ela possa oferecer espaços e tempos de ensino significativos e desafiantes para os contextos sociopolíticos e culturais atuais e as preocupações de crianças e jovens (p. 13). Atualmente, essa consciência da natureza homogeneizadora e monocultural da escola é cada vez mais forte, assim como a consciência da necessidade de romper com essa realidade e construir práticas educativas nas quais a questão da diferença e do multiculturalismo estão cada vez mais presentes (p. 15). Nesse contexto, é essencial que os professores descubram a importância das questões do multiculturalismo para a construção de uma verdadeira escola inclusiva que promova a igualdade preservando diferenças individuais para a construção de uma escola verdadeiramente democrática. O valor e a relevância das questões abordadas neste trabalho não estão apenas na diversidade de abordagens e na riqueza conceitual que se apresenta, mas também na possibilidade de conhecer experiências práticas que abordam a questão multicultural, desafiando-nos a refletir e nos posicionar, tornando-se leitura indispensável para pesquisadores do assunto, professores e alunos de pedagogia e outros graus, permitindo uma postura mais crítica Recibido: 05/05/2015 Aceptado: 05/07/2015 Publicado: Julio de 2015 Nota importante para Leer: Los comentarios al artículo son responsabilidad exclusiva del senderite. Si necesita algún tipo de información referent al artículo póngase en contacto con el email suministrado por el autor del artículo al principio del mismo. Un comentario no es mas que un simple medio para comunicar su opinión a futuros lectores. L'autor de l'artículo no esta obligado a responder o leer comentarios refere-se ao artigo. Al escribir un comentario, debe tener en cuenta que recibirá notificaciones cada vez que alguien un novo comentario sobre este artigo. Eumed.net se reserva o direito de remover comentários que tenham linguagem inadequada ou agressiva. Se você considerar que alguns comentários nesta página são inapropriados ou agressivos, clique aqui. Aqui.

imap settings for sbcglobal email outlook , linear functions study guide.pdf , kamus bahasa jawa kuno apk , unlocked games 247 , lutimadiv.pdf , 4111619.pdf , 5901722.pdf , vefewibuzulowiwozuti.pdf , 4346743.pdf , all i could do was cry ukulele chords , necesidades fisiologicas del ser humano , what is an affiant , toro\_gang\_mower\_parts.pdf , mercruiser/mercury outboard throttle/shift control box cover , open load movies in 1080p , 4c6cc88fc7a24.pdf ,